

# ECONOMISTAS JORNAL DO BRASIL “Acordo não é tábua de salvação para o país”

ISABEL CLEMENTE E  
RICARDO REGO MONTEIRO

REPÓRTERES DO JB

O iminente acordo com o Fundo Monetário Internacional é apenas um paliativo para reduzir a tensão dos agentes do mercado e trazer novamente à paz a economia do país. Segundo especialistas ouvidos pelo **Jornal do Brasil**, o esforço terá sido em vão, se o governo não conseguir ampliar as exportações, fortalecer a poupança interna e cortar gastos.

O economista Paulo Rabello de Castro, da SR Rating, não identifica no acordo uma tábua de salvação definitiva para o país. “Esse acordo veio para esticar o cobertor que estava ficando curto de novo”, diz, em referência ao esgotamento das últimas ajudas do FMI ao Brasil. O economista alerta que

**Governo precisa fortalecer exportações e poupança interna** a redução da vulnerabilidade do país depende das reformas tributária e previdenciária. Tais medidas, diz, precisam começar a ser discutidas nos primeiros meses do futuro governo.

O economista-chefe do Banco Itaú e ex-diretor do Banco Central, Sergio Werlang, vê no acordo saídas temporárias para o país, mas insiste numa tecla que incomoda principalmente num ano de eleições. Há espaço, sim, para mais cortes nos gastos, diz. “Esse é um trabalho de paciência que tem que ser feito. Nossos programas sociais são ultra-ineficientes. A lei de licitações, que precisa de uma reforma urgente, acaba fazendo o governo contratar mais caro”, diz. “Em 1999, nossos gastos representavam 29% do PIB, agora está em 32%”.

Werlang acrescenta que o melhor acordo para o país seria aquele que desse ao BC a maior margem de manobra possível para deter a disparada do dólar. Isso aconteceria se, por exemplo, o FMI reduzir a exigência mínima de reservas internacionais. Hoje o patamar é de US\$ 15 bilhões – esse é o dinheiro que não pode ser usado para irrigar o mercado afoito por dólares.

O economista-chefe do banco BBV, Octávio de Barros, afirma que um acordo permitirá, de cara, uma redução de mil pontos do indicador de risco Brasil, do banco americano JP Morgan. Barros faz questão de lembrar, no entanto, que não só o Brasil encontra dificuldade de crédito, no mundo. Para o ex-ministro da Economia Márcio Marques Moreira, o empréstimo do FMI traz somente benefícios. Em lugar de ampliar o endividamento, diz o consultor-sênior da Merrill Lynch, os recursos vão melhorar o perfil da dívida brasileira. Além de mais barato, se comparado com linhas do mercado, o dinheiro do Fundo será amortizado em prazo mais longo.